

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Comércio Class.: Tuxás 41  
Data: 11/05/91 Pg.: \_\_\_\_\_

## Índios ameaçam com invasão prédio da Chesf em Recife

RECIFE — Desesperados com os adiamentos do projeto de reassentamento das 200 famílias que tiveram suas terras inundadas pelo lago da Barragem de Itaparica, construída pela Companhia Hidrelétrica de São Francisco (Chesf), os índios tuxás estão ameaçando invadir o prédio da Chesf, em Recife, caso a companhia não cumpra logo o convênio firmado há quase cinco anos.

Um grupo dos tuxás, liderado pelo cacique Raul Valério de Oliveira (73 anos), esteve ontem na sede da Fundação Nacional do Índio (Funai), Seção Pernambuco, para denunciar o descaso com que a Chesf vem tratando. "Estamos passando fome", disse.

Os índios informaram que a Chesf vem adiando o reassentamento desde 1987.

Os tuxás tiveram suas reservas inundadas pela reserva desde 1987. Os tuxás tiveram suas reservas inundadas pela reserva de Itaparica e se dividiram. Uma parte foi removida para o Município de Nova Rodelas (a 611 quilômetros de Salvador) e Ibotirama (a 688 da capital baiana). A Chesf fez um acordo se comprometendo a dar novas reservas nesses municípios e colocar material para irrigação de 200 hectares (100 em cada reserva).

— Só há um infraestrutura nas casas. O resto falta tudo — revelou o cacique Raul Valério de Oliveira, pai de 9 filhos, mais de 20 netos, que tem sobrevivido com Cr\$ 33 mil pagos pela Chesf para alimentar mulher, filho e nora. "Já estou devendo na barraca", disse ele, revelando que os índios estão abalados emocional-

mente com a situação: "Isso tem provocado o aumento do alcoolismo na tribo porque os homens estão ociosos".

O cacique disse que, além do lote não ter sido irrigado, a Chesf não construiu a casa de farinha para moer a mandioca, nem depósitos para armazenamento da produção, além de não ter pago indenizações pelas lavouras dos índios na Ilha da Viúva, área em Rodelas onde viviam, que foi inundada. Segundo a Funai, era a terra indígena mais fértil do Nordeste. O índio Adauto Valério de Oliveira (70 anos), irmão do cacique, diz que sua filha deixou de estudar porque não há condução — a escola fica a 12 quilômetros. O único carro que estava à disposição da comunidade quebrou há um ano e não houve substituição.